

Dívida externa e desemprego

04 AGO 1990

L. G. NASCIMENTO SILVA

Atravessa o País uma das maiores crises de sua história. Nunca o desemprego foi mais elevado. O Governo publica longas listas de dispensas de servidores públicos que perdem, da noite para o dia, seus empregos, sem quaisquer motivações, senão a do plano de redução do número de servidores públicos.

Era, de fato, necessário uma drástica redução nos empregos do Governo.

Os funcionários públicos no quinquênio anterior eram nomeados aos trancos e barrancos, servidores que de fato não trabalhavam, nem tinham sequer lugar fixo para trabalhar. Esse foi o desbarato, o esbanjamento dos servidores públicos, desnecessários ao serviço do Estado, que se foram acumulando no Governo anterior, que atendia antes aos pedidos pessoais dos políticos e amigos do que às necessidades do serviço público.

O Governo Sarney agiu desde logo pela rampa. Foi de ládeira abaixo. E publicou logo listas e listas de servidores públicos visivelmente desnecessários ao serviço do Estado. Daí o favorecimento que aplicou nos servidores públicos que acumulavam benesses sobre benesses.

Agora ocorre exatamente o oposto. Os cargos públicos desnecessários são suprimidos drasticamente, e seus beneficiários são jogados ao léu.

E não foi apenas no serviço público que a razia se manifestou. Mas, houve um violento golpe no seqüestro de 80% dos ativos financeiros líquidos em poder do público. Durante 18 meses ficam recolhidos aos cofres públicos esses 80% dos ativos financeiros de que não podem utilizar-se seus legítimos proprietários. E o seu retorno só se poderá vir a fazer em prazos longos. Só a partir desses 18 meses é

que poderá começar a ser feita a restituição desses ativos retidos, por 18 a 30 meses, como determina a Medida Provisória 168. O seqüestro governamental não foi total, é verdade: ele respeitou os saldos das cadernetas de poupança, mas apenas os não superiores a cinquenta mil cruzados (hoje cruzeiros).

Nós sabemos disso tudo. Sofremos, e continuamos a sofrer, todas as violentas restrições impostas pela série de medidas restritivas à utilização dos nossos ativos que só podem provir de um longo pinga-pinga. O desemprego também campeia por toda parte.

É verdade que grande parte do setor privado capitalizou-se na medida do possível. Preocupamo-nos com as exportações e aumentamos nossas possibilidades de fazê-lo. Nosso mercado interno também se expandiu consideravelmente. As cidades interiores foram criando centros de produção e consumo, que servem a seus habitantes, como aos territórios vizinhos. Os grandes centros, as principais capitais dos Estados, estas sofrem à míngua de mercados consumidores.

Fala-se ainda no "país do futuro". Mas, é bem longínqua essa afirmação. A verdade é que somos grandes devedores, isso sim. Países situados no Sudeste Asiático, de escassas populações, exportam hoje em dia mais, bem mais do que nosso Brasil e apresentam superávits bem superiores aos nossos. Nossa renda média é ainda muito diminuta, como acentua Paul Kennedy em seu "Ascensão e queda das grandes potências", 1988.

Depois de passar por ser o centro de grandes possibilidades de investimentos, foi o País apresentando um endividamento crescente, sendo hoje um dos maiores devedores do Mundo, com grandes fugas de investimentos em escala internacional. Por isso mesmo enfrentará em breve uma difícil negociação, que colocará nossos negociadores em dificuldades.

Teremos nós de enfrentar penosas situações de confronto nos meses próximos, mas confiamos na riqueza potencial do Brasil.